

NO.1

MARÇO 2026

NAI BAIYA

MAGAZINE

**CONSELHO
EM AÇÃO**

PROTOCOLOS
PARA PROTEGER O
SAGRADO

**DIÁLOGO COM
O MUNDO**

MÔNACO, TURQUIA E A
ENTRADA INTERNACIONAL
LEGÍTIMA

**PALAVRA DOS
ANCIÃOS**

POR QUE O SAGRADO
PRECISA DE
GUARDIÕES

**ENTREVISTA COM O
PRESIDENTE
BAINAWA**

POR QUE FOI
NECESSÁRIO CRIAR UM
CONSELHO AGORA?



0 0 6 5 9 2 2

Edição: Março 2026 #1

Esta revista trimestral é publicada por
Nawa Sia Amazônia Alliance
em apoio ao Conselho Nai Baiya

Le Prince de Galles
5 avenue des citronniers
MC 98000 Mônaco
Tel: +33 (0) 6 84 27 87 53
www.nawasia.org
contact@nawasia.movie

DIRETORA DE PUBLICAÇÃO
Isabella Vieira

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Nawa Sia Amazônia Alliance

AUTORES

Nai Bai Pae Nawa Huni Kuĩ
Bainawa Inu Bake Huni Kuĩ
Keã Inu Bake Huni Kuĩ
Nawá Siá
Bari Siriani

TRADUÇÃO
Isabella Vieira

CAPA
© Nawa Sia Amazônia Alliance

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
© **Nação Huni Kuĩ**
Nawa Sia Amazônia Alliance
Rebecca Routman
Joey Gray
Liam Fabre

COLABORADORES
Samira Hofmann
Dylan Pean

Depósito legal: Fevereiro de 2026
Identificação BnF Editora
0065922

“Onde há sabedoria protegida, há futuro possível.”

NAI BAIYA Magazine



NAI BAI

O MAIOR LÍDER ESPIRITUAL DA NAÇÃO

NAI BAI - “Caminho Sagrado do Céu”

Nai Bai é aquele que nasce com um chamado.

Não se torna por escolha: vem ao mundo com essa missão.

É o caminho sagrado daqueles que vivem em alinhamento com as leis do Céu, com a sabedoria ancestral e com a verdade do espírito.

São líderes espirituais — guardiões da memória, da tradição e da conexão entre o Céu e a Terra.

Homens e mulheres que caminham com responsabilidade, consciência e compromisso com o equilíbrio da vida.

NAI BAIYA é o conjunto dos líderes espirituais.

É a união daqueles que trilham o Caminho do Céu e assumem a missão coletiva de proteger, orientar e sustentar espiritualmente a Nação.

O CONSELHO NAI BAIYA é o grupo formado por esses líderes.

Um conselho dedicado à preservação da essência espiritual da Nação, guardião dos valores sagrados, da ética ancestral e da continuidade do conhecimento tradicional.

Sua função é manter viva a essência espiritual, proteger a identidade da Nação e assegurar que as futuras gerações permaneçam conectadas ao Céu, à Terra e à memória dos ancestrais.



“ O CONSELHO NAI BAIYA

foi criado para que a sabedoria ancestral
permaneça viva, protegida e transmitida com
responsabilidade.

”

BAINAWA INU BAKE HUNI KUI
PRESIDENTE DO CONSELHO NAI BAIYA

Nota de Redação

“Esta revista nasce em um momento decisivo.”

Esta revista nasce para comunicar a espiritualidade do Conselho Nai Baiya com clareza, legitimidade e responsabilidade.

Em um mundo onde a espiritualidade muitas vezes se distancia de suas raízes, esta publicação afirma um princípio essencial: todo conhecimento tem origem, linhagem e guardiões. Aqui, a palavra é transmitida por quem a vive e a protege.

A *Nai Baiya Magazine* é um instrumento de preservação e verdade.

Comunicar é proteger.

Comunicar é manter viva a integridade da sabedoria ancestral.

Esta primeira edição inaugura uma voz espiritual com autoridade própria — construída na tradição, na responsabilidade coletiva e no respeito ao sagrado.



“ O sagrado agora tem guardiões coletivos.”

NAI BAIYA MAGAZINE
DIRETORA EDITORIAL

A reprodução do conteúdo editorial da NAI BAIYA Magazine, incluindo texto e fotografias, de qualquer forma e sem autorização prévia da **Nawa Sia Amazônia Alliance**, é proibida e constitui infração aos direitos autorais conforme as normas nacionais e internacionais aplicáveis.

Qualquer litígio de qualquer natureza relacionado à NAI BAIYA Magazine, na ausência de resolução amigável, será tratado de acordo com as normas jurídicas aplicáveis no âmbito internacional.



NESTA EDIÇÃO

A criação do Conselho Nai Baiya

09 Conselho em ação: por que a espiritualidade precisa de guardiões.

10 Entrevista exclusiva com
Bainawa Huni Kuĩ —
Presidente do Conselho

17 **Diálogo com o mundo
2026** — A entrada global
legítima

25 Escolas Vivas dos Saberes
Ancestrais

31 **Palavra dos anciãos**
Por que o sagrado precisa de
guardiões

“A TRADIÇÃO SÓ PERMANECE
LEGÍTIMA QUANDO É GUARDADA
POR QUEM A VIVE.”

O CONSELHO EM AÇÃO

POR QUE A ESPIRITUALIDADE PRECISA DE
GUARDIÕES.

Em um momento em que saberes ancestrais circulam pelo mundo com velocidade inédita, a espiritualidade enfrenta um paradoxo: nunca foi tão procurada — e nunca esteve tão exposta.

Medicinas tradicionais atravessam fronteiras. Cânticos sagrados ecoam em contextos distantes de sua origem. Grafismos espirituais são reproduzidos sem compreensão de seu significado profundo. O que por gerações foi protegido por linhagens, território e disciplina começa a ser tratado como tendência, produto ou experiência.

Foi nesse cenário que nasceu o Conselho Nai Baiya.

A sua criação não representa ruptura com a tradição, mas sua organização consciente. Pela primeira vez, as lideranças espirituais se unem formalmente para estabelecer protocolos, orientar decisões e proteger aquilo que não pode ser reduzido a consumo.

O Conselho Nai Baiya atua como instância de sabedoria coletiva. Sua função é clara: garantir que a transmissão dos conhecimentos permaneça legítima, que as medicinas sejam conduzidas dentro de seus fundamentos e que o diálogo com o mundo aconteça com respeito e responsabilidade.

Não se trata de proibição.

Trata-se de orientação.

A espiritualidade tradicional sempre exigiu preparo — dieta, disciplina, tempo, escuta e reconhecimento dos mais velhos. Sem esse caminho, não há profundidade. Sem responsabilidade, não há equilíbrio.

Ao regulamentar participações externas, mapear detentores de saber e estruturar encontros espirituais, o Conselho transforma proteção em prática concreta. Ele estabelece limites não para fechar portas, mas para garantir que cada porta aberta seja atravessada com consciência.



EXCLUSIVO

ENTREVISTA EXCLUSIVA

BAINAWA
HUNI KUĨ

Primeira Declaração Pública após
a Criação do Conselho Nai Baiya
Entrevista exclusiva com o
Presidente: Bainawa Huni Kuĩ

ESCRITO POR NAWÁ SIÁ
FOTO DE REBECCA ROUTMAN

A nação Huni Kuĩ anuncia oficialmente a criação do Conselho Nai Baiya — instância coletiva dedicada à proteção das medicinas sagradas, dos rituais ancestrais, da arte espiritual Kene e da transmissão legítima dos saberes tradicionais.

Nesta primeira declaração pública, o presidente do Conselho explica o significado histórico desse nascimento, sua missão, a formação da diretoria, a articulação com a FEPHAC e o início de um diálogo estruturado com o mundo.

Presidente, o Conselho Nai Baiya acaba de ser criado. Por que este momento é histórico?

Este momento é histórico porque, pela primeira vez, estamos organizando oficialmente a proteção da nossa espiritualidade em um formato coletivo e estruturado.

Sempre tivemos nossos anciãos, nossos Nai Bai, nossos Txana e nossos líderes espirituais.

Mas agora criamos uma instância formal de decisão para proteger nossas medicinas, nossos cantos, nossos rituais e nossos conhecimentos diante do mundo.

O Conselho nasce para afirmar algo muito claro: o sagrado tem guardiões.

O que motivou a criação do Conselho justamente agora?

Porque nossas medicinas, nossos cantos e nossos rituais começaram a circular fora do nosso caminho espiritual.

Muitas vezes sem autorização, sem preparação espiritual e sem ligação com o território. Aquilo que para nós é sagrado começou a ser tratado como produto.

Percebemos que era o momento de nos unir oficialmente para estabelecer limites claros, proteger nossos saberes e orientar o diálogo com o mundo de forma mais justa e com dignidade.

Qual é a missão central do Conselho Nai Baiya?

A missão do Conselho Nai Baiya é proteger o Caminho Verdadeiro da espiritualidade Huni Kuĩ — do Céu à Terra, da floresta às futuras gerações. Ela se sustenta em quatro compromissos fundamentais:

Proteger as medicinas sagradas e os rituais tradicionais, garantindo que sejam conduzidos apenas dentro dos protocolos ancestrais.

Assegurar a transmissão legítima dos saberes espirituais, formando jovens no tempo da tradição, com disciplina, dieta e reconhecimento coletivo.

Defender nossas artes sagradas como o *Kene, uma sabedoria viva.

Dentro de cada traço do Kene vivem mistérios. Cada desenho carrega uma narrativa ancestral, uma visão do mundo e uma forma de caminhar em harmonia com a vida.



“A missão do Conselho Nai Baiya é proteger o Caminho Verdadeiro da espiritualidade Huni Kuĩ.”

Na tradição Huni Kuĩ, foi a jiboia sagrada que revelou aos ancestrais os ensinamentos de como desenhar os *Kene.

Esses símbolos não são criação estética humana — são revelações espirituais.

Quando um *Kene é desenhado, uma história é ativada.

Quando é respeitado, um conhecimento permanece vivo.

Por isso, sua reprodução ou uso comercial sem autorização coletiva constitui apropriação cultural.

E orientar o diálogo com o mundo, garantindo que toda parceria nacional ou internacional seja construída com respeito, transparência e decisão coletiva.

O Conselho não fecha portas — ele estabelece limites sagrados.

Muitas pessoas conhecem o termo “pajé”. Por que o Conselho utiliza o nome Nai Bai?

“Pajé” é uma palavra externa.

Na nossa tradição, o verdadeiro guardião espiritual é o Nai Bai — aquele que caminha no Caminho Verdadeiro do Céu.

Ser Nai Bai é passar por dietas profundas, anos de estudo espiritual, disciplina de vida e reconhecimento dos anciãos.

Ao usar nosso próprio nome, reafirmamos nossa identidade espiritual completa, sem simplificações.

Como foi formada a diretoria do Conselho Nai Baiya?

A diretoria foi formada por indicação dos territórios e confirmação coletiva em assembleia. Cada região apresentou seus Nai Baiya, mulheres guardiãs de saberes e lideranças espirituais reconhecidas. Os nomes foram discutidos abertamente e validados por consenso.

Não houve escolha individual nem decisão isolada. A diretoria nasce da confiança coletiva e da legitimidade espiritual, construída ao longo de anos de formação, disciplina e serviço comunitário. Cada pessoa que hoje integra o Conselho Nai Baiya — do presidente aos conselheiros, assessores e consultores executivos — foi escolhida não por posição política, mas por sua capacidade espiritual, sua conduta de vida e seu compromisso com o Caminho Verdadeiro.

Na compreensão Huni Kuĩ, essa formação não é apenas humana. Ela é também guiada pelo Grande Espírito, que orienta as missões coletivas quando chega o tempo certo.

Por isso, o Conselho não é apenas uma estrutura institucional. É uma responsabilidade espiritual confiada àqueles preparados para guardá-la.



O Conselho substitui os antigos Nai Baiya e os anciãos?

De forma alguma.

O Conselho não nasce acima dos anciãos — ele nasce a partir deles.

Ele é a expressão coletiva da sabedoria que sempre guiou a nação Huni Kuĩ.

Antes, essa autoridade existia de forma dispersa. Agora, ela se manifesta unida.

O Conselho não altera a tradição. Ele a organiza, protege e fortalece para o presente e para o futuro.

“ O sagrado agora tem guardiões coletivos.”

Bainawa Inu Bake Huni Kuĩ - Presidente do Conselho Nai Baiya

Como o Conselho vê a comercialização das medicinas e a transformação do sagrado em produto?

As medicinas não são mercadorias.

Quando o sagrado vira produto, ele perde o sentido profundo e cria risco — para quem utiliza sem a preparação adequada e para as comunidades cujos saberes são apropriados sem respeito ou retorno coletivo.

O Conselho afirma com clareza: qualquer uso comercial sem autorização coletiva é ilegal, além de constituir violação cultural e espiritual.

Quem deseja aprender precisa compreender que existe protocolo, autorização, caminho, tempo, disciplina, preparação espiritual e responsabilidade — não “consumo”.

A preparação é essencial. Ela envolve formação com os anciãos, dietas, escuta, disciplina de vida e compreensão profunda do sentido espiritual das medicinas. Sem preparo, não há proteção. Sem proteção, há desequilíbrio.

Por isso, o Conselho Nai Baiya está estruturando protocolos claros para orientar práticas, formações e parcerias, não como proibição, mas como caminho de respeito, segurança espiritual e justiça com as comunidades.

O sagrado não é experiência rápida.

É compromisso de vida.



FOTO DE THOMAS KNAUS

Quais são as primeiras ações concretas dessa nova instância?

Regulamentar participações externas em dietas e cerimônias, mapear oficialmente os detentores de saber espiritual, criar diretrizes para o uso das medicinas e das artes sagradas, organizar encontros espirituais anuais em níveis territorial, regional, nacional e internacional.

Uma das nossas prioridades é fortalecer as Escolas Vivas dos Saberes Ancestrais. Estamos estruturando aquilo que sempre existiu – agora com clareza institucional.

Tudo agora acontece com decisão coletiva.

O Conselho atuará em articulação com outras instâncias da nação?

Sim.

O Conselho Nai Baiya trabalha em aliança direta com a Federação da Nação Huni Kuĩ (FEPHAC), assegurando transparência, responsabilidade e benefício coletivo para as comunidades.

As decisões e parcerias são acompanhadas de forma organizada, garantindo que os frutos retornem ao território e fortaleçam a nação como um todo – nunca interesses individuais.

Qual o papel das mulheres dentro do Conselho?

As mulheres são guardiãs centrais da continuidade da vida espiritual.

Elas preservam a alimentação tradicional, os banhos de plantas, o Kene, o cuidado cotidiano e a formação das crianças.

Sem as mulheres, não há transmissão verdadeira dos saberes.

O Conselho reconhece oficialmente essa liderança como fundamento do Caminho Verdadeiro.

E a juventude – como garantir o futuro?

Com formação profunda, tempo e responsabilidade.

Os jovens aprendem diretamente com os anciãos por meio de dietas, disciplina espiritual, canto, escuta e trabalho coletivo.

Não recebem apenas conhecimento, mas valores, equilíbrio e compromisso com a vida.

Sem uma juventude bem formada, não existe continuidade.

O Conselho foi criado para garantir esse futuro vivo.



Qual é a diferença entre a governança da FEPHAC e o CONSELHO NAI BAIYA?

Trabalhamos juntos, mas com funções diferentes e complementares.

A Fephac é a estrutura **jurídica e administrativa** da nação Huni Kuĩ — responsável por projetos, parcerias legais, organização institucional e defesa dos direitos coletivos.

O Conselho Nai Baiya é uma instância de **sabedoria espiritual e orientação ancestral**.

Ele funciona como um verdadeiro ministério de conselho, garantindo que todas as decisões jurídicas, políticas, econômicas e parcerias nacionais e internacionais da Fephac estejam alinhadas com a espiritualidade, o respeito à floresta e o bem coletivo.

Caminhamos em conjunto, mas em dimensões distintas.

Para que a Fephac produza bons frutos, ela precisa ser guiada pela espiritualidade.

Sem espiritualidade, não há equilíbrio. Sem equilíbrio, não há futuro.

“A Fephac e o Conselho Nai Baiya são, juntos, os dois pilares da nação Huni Kuĩ.”

“A MISSÃO DO CONSELHO NAI
BAIYA É PROTEGER O CAMINHO
VERDADEIRO DA ESPIRITUALIDADE
HUNI KUI — DO CÉU À TERRA, DA
FLORESTA ÀS FUTURAS GERAÇÕES.”

O Conselho se fecha ao diálogo internacional?

Pelo contrário.

Estamos abertos a parcerias com universidades, governos e instituições que respeitem nossos protocolos espirituais e culturais.

Esse diálogo deve ser transparente, coletivo e aprovado pelo Conselho Nai Baiya.

Anunciamos nesta primeira declaração pública que o Conselho participará oficialmente de seu primeiro encontro diplomático em **Mônaco** nos próximos meses, e em uma **reunião dos parlamentos mundiais na Turquia**, iniciando um diálogo direto com governos, parlamentos e instituições globais, em articulação com parcerias como a *Nawá Siá Amazônia Alliance*.

Será um passo importante para levar nossa voz espiritual aos espaços globais de decisão.

Esses dois encontros, por naturezas distintas, consolidam a presença institucional da Nação Huni Kuĩ no cenário internacional, estabelecendo parcerias éticas, com regras claras, e reafirmando que a proteção dos saberes exige responsabilidade institucional.



O que o senhor gostaria que o mundo compreendesse agora?

Que não existe mudança verdadeira sem cura humana.

A crise começa dentro do ser humano, na desconexão com a Terra e com o espírito.

Quando o ser humano se cura, o sistema muda.

Quando o sistema muda, a floresta é respeitada.

A floresta não é apenas natureza. Ela é farmácia viva, escola viva e memória viva da humanidade.

Proteger a espiritualidade é proteger o equilíbrio do planeta.

Para encerrar, uma mensagem e um agradecimento?

Agradecemos aos anciãos que guardaram o conhecimento por gerações, às mulheres que sustentam a vida e a transmissão dos saberes, aos jovens que escolhem aprender o Caminho Verdadeiro, às comunidades que confiaram neste Conselho e a toda a equipe que compõe o Conselho Nai Baiya — a direção, os conselheiros, assessores e colaboradores — que assumiram essa missão com responsabilidade, disciplina e compromisso espiritual.

O Conselho Nai Baiya nasce para servir, proteger e orientar.

Enquanto houver floresta, haverá medicina.

Enquanto houver anciãos, haverá sabedoria.

Enquanto houver respeito, haverá diálogo.

Haux.

**TRADIÇÃO
COM
AUTORIDADE
COLETIVA**

Este não é apenas o nascimento de um Conselho.

É o início de uma nova maturidade espiritual.

Ao assumir a responsabilidade coletiva sobre seus saberes, a nação Huni Kuĩ afirma algo maior do que proteção: afirma autonomia, clareza de identidade e presença legítima no cenário global.

O tempo em que os povos originários eram apenas observados ficou para trás.

Agora, eles falam por si — com estrutura, consciência e direção própria.

O Conselho Nai Baiya não surge como resposta ao passado, mas como decisão sobre o futuro.

***O futuro começa quando uma nação
escolhe conduzir seu próprio destino.***

“NOSSA ESPIRITUALIDADE
NÃO PEDE ESPAÇO —
ELA EXIGE RESPEITO.”

BAINAWA INU BAKE HUNI KUI
PRESIDENTE DO CONSELHO NAI BAIYA

QUANDO COMER É CURAR:

A MEDICINA VIVA QUE NASCE DA FLORESTA

Por gerações, a nação Huni Kuĩ soube algo que a ciência moderna começa a redescobrir: alimento não é apenas sustento — é remédio, memória e equilíbrio.

Em tempos de doenças crescentes e sistemas alimentares industrializados, a resposta pode estar justamente onde sempre esteve: na roça, no rio e na floresta.

Na Amazônia, a saúde nunca foi separada da vida cotidiana. Peixe fresco, macaxeira, beiju, frutas silvestres e caça preparada com rituais específicos formavam não apenas a base da alimentação, mas o primeiro sistema de medicina da nação nativa originária Huni Kuĩ. Cada alimento carregava energia, força espiritual e ensinamentos transmitidos pelos mais velhos.

“Antigamente, não conhecíamos as doenças de hoje”, dizem os anciãos.

O corpo era forte. O espírito, alinhado. A floresta, respeitada.

Essa relação começou a se romper com a chegada dos alimentos industrializados: açúcar refinado, óleo processado, farinha branca, produtos enlatados. Com eles vieram o enfraquecimento do corpo, novas enfermidades e um desequilíbrio profundo que os Huni Kuĩ chamam de Nisu — uma fraqueza que não se cura com remédios da cidade.

Mas a perda não foi apenas nutricional. Foi espiritual.

Na tradição Huni Kuĩ, a comida exige respeito. A carne da caça, por exemplo, deve ser preparada com reverência segundo os rituais e saberes ancestrais.

É preciso pedir licença ao espírito do animal — o yuxin — para que a força da floresta continue em harmonia com o corpo humano. Comer sem esse cuidado, ensinam os mais velhos, transforma alimento em doença.

Hoje, muitos jovens já não seguem esses rituais. O impacto aparece não só na saúde, mas também no enfraquecimento cultural e espiritual.

Ainda assim, a solução nunca esteve fora do território.



FOTO DE NAWA SIA AMAZONIA ALLIANCE

É isso que o Conselho Nai Baiya vem reafirmando: a comida tradicional é a primeira medicina.

Mais do que um resgate cultural, trata-se de uma estratégia de sobrevivência, soberania alimentar e restauração da saúde coletiva. O fortalecimento das roças, o manejo sustentável da caça e da pesca, a transmissão dos saberes espirituais sobre os alimentos e a formação das novas gerações fazem parte de um movimento que une cura do corpo, proteção da floresta e continuidade da cultura.

Para nós, Nação Huni Kuĩ, não há separação entre natureza e saúde.

A floresta é farmácia viva.

A roça é hospital ancestral.

O alimento é oração materializada.

Em um mundo que enfrenta crises alimentares, doenças crônicas e colapso ambiental, essa sabedoria ancestral oferece uma lição simples e poderosa: não se cura o ser humano sem curar sua relação com a Terra.

Ao reconectar alimentação e espiritualidade, a Nação Huni Kuĩ não olha para o passado com nostalgia, mas para o futuro com clareza. Um futuro onde comer volta a ser um ato de respeito, equilíbrio e vida.

Porque, como dizem os mais velhos:

Enquanto houver floresta, haverá medicina.

Enquanto houver alimento verdadeiro, haverá saúde.

E enquanto houver respeito, haverá futuro.

***Quando o alimento perde sua origem,
o corpo perde seu equilíbrio.***



“A SOBERANIA ALIMENTAR
É SOBERANIA DE VIDA.”

O PAPEL DO CONSELHO



CACIQUE NINAWA PAI DA MATA
MEMBRO DO CONSELHO NAI BAIYA

Diante do enfraquecimento da saúde, da perda de conhecimento espiritual sobre os alimentos e da dependência crescente de produtos industrializados, o Conselho Nai Baiya assume uma responsabilidade clara: organizar, fortalecer e proteger o retorno da alimentação tradicional como primeira medicina.

“Não se trata de criar algo novo, mas de fortalecer aquilo que sempre sustentou a vida da nossa Nação: as roças tradicionais, os rituais de preparo dos alimentos, o respeito espiritual à caça e à colheita, e a transmissão do conhecimento dos mais velhos às novas gerações.”



O Conselho atua para garantir autonomia alimentar nos territórios, resgatar os protocolos espirituais ligados à comida, inserir a alimentação tradicional na formação das crianças, formar jovens guardiões da medicina viva e estruturar sistemas comunitários que mantenham os alimentos circulando dentro das aldeias.

Tudo é conduzido com decisão coletiva, escuta da floresta e trabalho comunitário – princípios que sempre guiaram a Nação Huni Kuĩ.

Ao devolver à comida seu lugar de cura, o Conselho Nai Baiya protege não apenas a saúde, mas também sua cultura, sua espiritualidade e o futuro da floresta.



“A NOSSA MEDICINA
SEMPRE NASCEU DA
TERRA, NÃO DE FÁBRICAS
E LABORATÓRIOS.”

CONSELHO NAI BAIYA

ESCOLAS VIVAS DOS SABERES ANCESTRAIS

ONDE A SABEDORIA CONTINUA VIVA NA FLORESTA

A Nação Nativa Originária Huni Kuĩ sempre formou suas gerações dentro do território, da espiritualidade e da convivência comunitária. O conhecimento nunca foi separado da vida.

Aprender sempre significou escutar os mais velhos, observar a floresta, participar dos rituais, compreender o tempo da tradição e assumir responsabilidade com a comunidade.

Essa forma própria de transmissão atravessou gerações porque esteve enraizada na vivência, no respeito e no reconhecimento coletivo dos sábios.

As Escolas Vivas dos Saberes Ancestrais nascem do compromisso de fortalecer essa transmissão para que ela continue íntegra diante das transformações do mundo atual. Elas não criam um novo sistema de conhecimento. Elas protegem e organizam o sistema ancestral que sempre existiu.

Durante gerações, os saberes foram transmitidos diretamente dos anciãos às novas gerações por meio da palavra viva, da prática espiritual, da convivência cotidiana e da disciplina da tradição. Esse processo sempre garantiu legitimidade, profundidade e continuidade.

Hoje, diante de novos desafios — circulação de saberes fora do território, práticas sem preparo espiritual e risco de enfraquecimento da tradição — a nação tomou uma decisão coletiva de proteger sua própria forma de transmissão.

É nesse contexto que atua o Conselho Nai Baiya, instância espiritual criada a partir dos próprios anciãos para orientar, acompanhar e garantir que os saberes ancestrais continuem sendo transmitidos com responsabilidade, respeito e fidelidade ao Caminho Verdadeiro.

As Escolas Vivas são uma das expressões concretas dessa responsabilidade.

Elas não são escolas no modelo do mundo moderno. São espaços vivos de formação dentro dos próprios territórios, guiados pelos sábios reconhecidos pelas comunidades. Cada território pode estruturar sua Escola Viva conforme seus conhecimentos locais, sempre em diálogo com o Conselho e sob orientação dos anciãos.

No centro das Escolas Vivas estão os mais velhos — verdadeiras bibliotecas vivas da sabedoria ancestral.

Cada ancião carrega histórias, cantos, ensinamentos espirituais, protocolos de formação, valores de convivência e conhecimento profundo da floresta. Seu aprendizado não veio de livros, mas de décadas de disciplina, escuta e reconhecimento comunitário.

Quando um ancião ensina, ele transmite muito mais do que informação. Ele transmite visão de mundo, responsabilidade espiritual e compromisso com a vida.

Por isso, as Escolas Vivas colocam os anciãos como pilares da formação. São eles que orientam o que deve ser transmitido, quando cada aprendizado acontece e de que forma o conhecimento deve ser conduzido. Essa condução garante que a sabedoria permaneça legítima, protegida e viva.

As Escolas Vivas também organizam o reconhecimento dos detentores de saberes tradicionais — homens e mulheres da medicina, guardiões da palavra, sábios espirituais — valorizando suas trajetórias e assegurando que seus conhecimentos sejam respeitados e transmitidos às novas gerações.

Ao mesmo tempo, fortalecem a formação dos jovens que caminham no aprendizado tradicional, acompanhando os mais velhos, aprendendo no tempo da tradição e desenvolvendo disciplina, responsabilidade e compromisso comunitário.

A transmissão dos saberes ancestrais não é rápida nem superficial. Ela exige tempo, preparação espiritual, conduta ética e respeito profundo aos mais velhos e ao território.

As Escolas Vivas não simplificam esse caminho — elas o preservam.

A posição da nação é clara: o conhecimento ancestral não é mercadoria, não é consumo rápido e não é prática sem responsabilidade. Ele pertence à comunidade, é protegido pelos anciãos e transmitido com consciência.

As Escolas Vivas dos Saberes Ancestrais afirmam a autonomia da Nação Huni Kuĩ sobre seus próprios conhecimentos e garantem que a tradição continue forte, legítima e viva.

Mais do que espaços de aprendizado, elas são espaços de continuidade da memória ancestral.

Proteger os anciãos é proteger o futuro.

Fortalecer a transmissão é fortalecer a nação.

Organizar a sabedoria é garantir que ela continue viva.

As Escolas Vivas representam o compromisso coletivo de manter a tradição respirando dentro dos territórios, guiada pelos sábios e sustentada pelas novas gerações.

O fortalecimento das Escolas Vivas dos Saberes Ancestrais representa um compromisso assumido pelo Conselho Nai Baiya, pelos anciãos e pelas comunidades da Nação Huni Kuĩ: proteger os saberes ancestrais, garantir sua transmissão legítima e preparar as futuras gerações para caminhar com responsabilidade espiritual.

Esse compromisso se traduz em ações concretas: acompanhamento das Escolas Vivas nos territórios, orientação dos processos de formação, reconhecimento dos detentores de saberes, organização dos encontros de transmissão e definição de protocolos que asseguram respeito, ética e continuidade.



Além da transmissão direta entre gerações, as Escolas Vivas se estruturam dentro de um calendário anual de encontros espirituais e organizacionais que fortalecem a unidade da nação.

O Fórum Nai Baiya cria o espaço de construção coletiva das Escolas Vivas, reunindo lideranças espirituais, sábios e representantes territoriais para definir diretrizes, necessidades e caminhos de continuidade. O Encontro dos Nai Baiya reúne os mais velhos de diferentes territórios — verdadeiras bibliotecas vivas — para partilhar conhecimento, alinhar decisões e fortalecer a memória espiritual coletiva. O Encontro dos Txana assegura a formação dos mensageiros da palavra, preparando as novas gerações para dar continuidade à tradição oral e espiritual.

A sabedoria permanece viva porque está sob responsabilidade coletiva.

As Escolas Vivas também incluem o mapeamento oficial dos detentores de saberes tradicionais. Cada Nai Baiya, parteira, conhecedor da medicina ou guardião espiritual é reconhecido com seu nome, território, área de conhecimento e trajetória de formação, validada pela própria comunidade. Esse registro não transforma o saber em documento; ele o protege, valoriza e assegura sua transmissão responsável.

Da mesma forma, os jovens que caminham no aprendizado são acompanhados, reconhecidos e orientados em seu processo de formação, garantindo compromisso ético e fidelidade aos princípios espirituais da tradição.

Cada Escola Viva funciona sob a orientação direta do Conselho, que assegura organização, continuidade e fidelidade aos protocolos culturais, espirituais e territoriais.

Todas as ações contam com proteção jurídica e decisões coletivas, garantindo respeito aos saberes ancestrais e transparência em qualquer parceria.



ORGANIZAÇÃO COLETIVA DA SABEDORIA VIVA

O Conselho estrutura um calendário anual de encontros espirituais e organizacionais que fortalecem as Escolas Vivas nos territórios.

Por meio do Fórum Nai Baiya, dos Encontros dos Anciãos e das formações dos Txana, a transmissão dos saberes acontece de forma coletiva, contínua e alinhada às decisões da nação.

RECONHECIMENTO E PROTEÇÃO DOS SABERES

Os anciãos, homens e mulheres guardiões espirituais e guardiões das medicinas têm seus conhecimentos reconhecidos, valorizados e protegidos. O Conselho organiza o mapeamento dos detentores de saberes tradicionais, assegurando respeito, legitimidade e transmissão responsável às futuras gerações.

FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES DE GUARDIÕES

Os jovens que caminham no aprendizado espiritual são acompanhados diretamente pelos mais velhos, em processos de formação profunda, disciplina e responsabilidade comunitária. As Escolas Vivas garantem que a sabedoria não se perca, mas continue viva através de novos guardiões do conhecimento.

CACIQUE NINAWA NASSO
MEMBRO DO CONSELHO NAI BAIYA

“RESPEITAR OS ANCIÃOS É
PRESERVAR A MAIOR
BIBLIOTECA VIVA DA
NAÇÃO HUNI KUI.”

CONSELHO NAI BAIYA





“O CONSELHO É PARA TRABALHAR NA LINHA CERTA.”

Declaração Pública de Nai Bai
Pae Nawa após a Criação do
Conselho Nai Baiya

ESCRITO POR NAWÁ SIÁ
FOTO DE JOEY GRAY

Ancião da nação Huni Kuĩ, Nai Bai **Pae Nawa** é guardião da sabedoria ancestral vivendo no território tradicional do Igarapé do Caucho, no Acre. Mestre da escola tradicional Huni Kuĩ, dedica sua vida à preservação dos Huni Meka (cantos sagrados), das dietas sagradas e da formação espiritual das novas gerações.

Com décadas de prática e disciplina, é referência na condução das medicinas ancestrais e esteve presente na criação do Conselho Nai Baiya, hoje fundamento espiritual da FEPHAC. Sua palavra orienta decisões coletivas, mantendo-as alinhadas à “linha certa” da tradição, da verdade e da responsabilidade com o futuro.

PALAVRA DOS ANCIÃOS

POR QUE O SAGRADO PRECISA DE
GUARDIÕES

Nas profundezas do território Igarapé do Caucho, no Acre, vive um homem que não pode ser definido apenas por seu nome.

Nai Bai Pae Nawa é muito mais que um ancião. É memória viva. É linhagem em movimento. É uma biblioteca que respira.

Sua presença ultrapassa o papel cerimonial. Ele é mestre da escola tradicional Huni Kuĩ, formador de txanás, guardião dos Huni Meka, orientador espiritual do Conselho que fundamenta a FEPHAC.

Mas, acima de tudo, ele é continuidade.

Sentar-se em cerimônia com Nai Bai Pae Nawa é testemunhar a sabedoria em seu estado mais puro. Seus cantos sobem como névoa da floresta, suas palavras caminham como rios antigos, e sua presença carrega a força dos ancestrais que cantaram sob as mesmas estrelas.

Ele não fala apenas de espiritualidade. Ele fala de responsabilidade.

Quando questionado sobre o momento da criação do Conselho espiritual Nai Baiya, sua resposta não começa na política nem na organização.

Começa no sonho.

“O conselho já era do sonho.”

Para ele, nada nasce apenas no plano material. O que hoje existe como estrutura foi sonhado pelos antigos. O que hoje se organiza como conselho espiritual Nai Baiya, já estava sendo gestado no invisível.

Ele descreve aquele momento como uma confirmação de energia boa — e, para um Huni Kuĩ, o coração confirma o que é verdadeiro.

Na criação do Conselho Nai Baiya, ele sentiu a própria identidade pulsar: a força dos antepassados, da floresta, dos espíritos. Não era um evento institucional.

Era um acontecimento espiritual.

O Conselho, portanto, não é invenção humana. É revelação ancestral.

“O QUE EXISTIA
CONTINUA EXISTINDO —
EU APENAS GUARDO E
TRANSMITO.”

NAI BAI PAE NAWA

“O conselho é para trabalhar na linha certa.”

Essa frase resume sua visão.

A linha certa não é ideologia.

Não é estratégia política.

É alinhamento espiritual.

Para Nai Bai Pae Nawa, a verdade é a base. Sem verdade não há formação. Sem verdade não há correção. Sem verdade não há liderança.

O Conselho existe para:

- Trabalhar com a verdade
- Corrigir quando necessário
- Formar corações
- Garantir que nada seja feito errado “para todo mundo”

Porque as decisões não afetam apenas o presente. Afetam os que virão. Afetam a floresta. Afetam o espírito coletivo.

Um dos ensinamentos mais repetidos pelo ancião é simples e profundo:

“Educação, educação do nosso coração.”

Para ele, a verdadeira formação não é técnica.

É espiritual.

Uma federação pode ter estrutura. Pode ter estatuto.

Pode ter organização.

Mas se não tiver coração educado, perde-se.

A educação do coração traz:

Verdade que não se negocia

União que não se fragmenta

Lideranças que servem e não apenas comandam

O Conselho é o guardião dessa educação invisível.

Quando fala da responsabilidade de ser parte do Conselho, Pae Nawa não menciona poder.

Ele menciona simplicidade.

“A responsabilidade do Nai Bai é simplicidade para a nossa vida.”

Ser Nai Bai (líder espiritual) não é título.

É estado de ser.

É respeitar tudo.

É trabalhar com amor no coração.

É viver a verdade de forma que “todo mundo vê”.

No caminho espiritual não há máscaras duradouras.

O coração revela.

Pae Nawa relata que talvez o ensinamento mais impressionante seja o tempo necessário para se tornar um verdadeiro Nai Bai.

A história dele revela:

- Início dos ensinamentos aos 7 anos
- Entrada na dieta aos 10
- 20 anos de primeiro ciclo
- Mais 20 anos de aprofundamento
- Primeira formação aos 50 anos

Quarenta anos de disciplina.

Décadas de dieta, prática, transformação.

Um Nai Bai é aquele que já nasce com um chamado espiritual.

Não se torna Nai Bai apenas por escolha — ele vem ao mundo com essa missão.

Ser Nai Bai é alcançar o Shaneibu Inka (líder ancião) — o caminho verdadeiro para o Criador verdadeiro.

“O Nai Bai é aquele que conhece a estrada e pode conduzir outros por ela.”

A Responsabilidade é Coletiva!

"Quando decidimos, não decidimos sozinhos.

Decidimos pelas famílias.

Pelos jovens.

Pelo amanhã.

Pela floresta.

Se erramos, erramos para todos.

Por isso caminhamos na linha certa com a espiritualidade."

— Nai Bai Pae Nawa



“O QUE EXISTIA, EXISTE. E
CONTINUARÁ EXISTINDO
ENQUANTO HOVER
QUEM CAMINHE NA
LINHA CERTA.”

NAI BAI PAE NAWA
MEMBRO DO CONSELHO NAI BAIYA



**Talvez a parte mais delicada de suas palavras
seja o chamado às novas gerações:**

“Vocês não estão começando algo novo.
Vocês estão continuando algo antigo.”

A transmissão é o centro de tudo.
A vida flui como rio: dos ancestrais aos que virão.

“Eu vou na frente.”

O ancião abre caminho.
Os jovens, um dia, dirão o mesmo.

Chamá-lo de biblioteca viva não é metáfora
exagerada.

Ele carrega Miyui — as histórias antigas.
Carrega cantos que atravessaram gerações.
Carrega dietas, curas, palavras retas.

Mas uma biblioteca viva não guarda para si.
Ela ensina. Forma. Corrige. Ama.

***“No Conselho Nai Baiya, eu estou
aqui para ensinar o que recebi e
preparar os jovens para continuar.”***

***“Eu recebi dos antigos, e a minha missão é não deixar parar — ensinar
aos jovens para que a palavra continue viva.”***

— Nai Bai Pae Nawa

DEFESA DAS MEDICINAS SAGRADAS

PROTOCOLOS DO CONSELHO

Declaração Pública de Keā Inu
Bake Huni Kuī - Conselheiro
Deliberativo da FEPHAC

ESCRITO POR NAWÁ SIÁ

O Conselho Nai Baiya, em comunicação com a FEPHAC, reafirma publicamente sua responsabilidade histórica, espiritual e jurídica na proteção das medicinas tradicionais, dos cânticos sagrados, dos saberes ancestrais e dos protocolos que sustentam a vida espiritual e cultural Huni Kuī.

As medicinas da floresta — como o Nixi Pae (Ayahuasca), o rapé e os mestres vegetais — não são substâncias isoladas. São expressões vivas de uma cosmologia, de uma ciência espiritual milenar e de uma ética de cuidado transmitida de geração em geração.

O Conselho não atua apenas como guardião espiritual. Atua como instância representativa de proteção coletiva — cultural, ética e jurídica. Neste momento histórico de expansão e exposição das medicinas fora dos territórios tradicionais, torna-se necessário reafirmar protocolos claros.

Conforme estabelecido nas Diretrizes das Escolas Vivas das Tradições Huni Kuī :

- As medicinas são preparadas em espaços sagrados, sob orientação de médicos tradicionais designados.
- Não podem ser comercializadas como produto.
- Não podem ser levadas para fora da aldeia para cerimônias sem liderança direta de um Nai Bai Huni Kuī.
- Não podem ser misturadas com outras tradições sem orientação explícita do ancião responsável.
- Exigem dieta, conduta e disciplina espiritual rigorosa.

A medicina não é experiência recreativa.

Não é turismo espiritual.

Não é entretenimento.

Não é produto de exportação espiritual.

É sacramento.

É ciência da floresta.

É responsabilidade coletiva.

As Medicinas Não São Mercadoria!

A ESPIRITUALIDADE É O
FUNDAMENTO INVISÍVEL
QUE SUSTENTA NOSSA
CULTURA, NOSSA
MEDICINA E NOSSA
IDENTIDADE.”

KEĀ INU BAKE HUNI KUI
MEMBRO DO CONSELHO NAI BAIYA
CONSELHEIRO DELIBERATIVO DA FEPHAC

Protocolos Sagrados: Dentro e Fora dos Territórios

O Conselho Nai Baiya estabelece que:
Toda cerimônia deve ocorrer sob autorização e liderança legítima.

A entrada de pessoas nos territórios deve respeitar consentimento formal das lideranças e dos protocolos do conselho juntamente com a Fephac.

Os jovens que viajam para fora do território devem estar acompanhados de orientação institucional da Fephac e do Conselho.

O uso das medicinas sagradas fora da aldeia exige alinhamento com as instâncias representativas.

A atuação jurídica tem como finalidade:

- Proteger a propriedade intelectual coletiva.
- Impedir comercialização indevida.
- Defender a legitimidade espiritual e cultural das práticas.
- Garantir que qualquer circulação externa respeite acordos formais.
- Atuar contra distorções, apropriações e usos irresponsáveis.

A defesa das medicinas não é apenas espiritual — é também constitucional, cultural e jurídica. Trata-se da proteção de patrimônio imaterial coletivo, reconhecido como direito dos povos originários.

Diante da crescente circulação das medicinas tradicionais e da apropriação indevida de saberes ancestrais, o Conselho Nai Baiya contará com assessoria jurídica especializada em direitos dos povos originários e direitos culturais, em âmbito nacional e internacional.

“Dispomos de uma equipe jurídica altamente qualificada, dedicada à proteção da nossa cultura, das nossas tradições e da nossa identidade coletiva.” - Keã Inu



**O Conselho Nai Baiya reafirma que o uso das
medicinas tradicionais fora de seus
contextos, protocolos e orientações legítimas
pode gerar riscos concretos.**

No plano físico, há possibilidade de reações adversas, interações com medicamentos, descompensações orgânicas, crises de ansiedade, episódios dissociativos e agravamento de condições psíquicas preexistentes. Nem todos os corpos estão aptos, e nem todo momento é adequado. No plano emocional e psíquico, as medicinas podem mobilizar conteúdos profundos e memórias sensíveis. Sem preparo, acompanhamento e integração, tais conteúdos podem gerar desorganização interna, sofrimento e vulnerabilidade.

No plano espiritual, o acesso ao sagrado sem disciplina, autorização tradicional e compromisso ético pode produzir desequilíbrios energéticos e rompimentos com os princípios que sustentam essas práticas. O sagrado não é experiência recreativa nem consumo espiritual.

Por isso, o Conselho reforça:

- As medicinas exigem preparo.
- Exigem formação adequada.
- Exigem acompanhamento responsável.
- Exigem respeito às comunidades que as guardam.

Cuidado é parte da tradição.

Responsabilidade é parte do caminho.

Compromisso é parte do sagrado.

O conhecimento não é extração.

É relação.

Quem recebe deve oferecer reciprocidade — seja por meio de apoio comunitário, fortalecimento institucional, formação de jovens, preservação da Casa de Preparo da Medicina ou suporte à continuidade cultural.

O Conselho atua para que a Universidade da Floresta permaneça viva para as próximas gerações.

A defesa da medicina é a defesa da vida.

Haux.

“A FLORESTA ENSINA, O
CONSELHO NAI BAIYA
PROTEGE.”

KEĀ INU BAKE HUNI KUĪ



“NOSSA FORÇA NASCE
DA UNIÃO.”

NAI BAIYA Magazine

*Sem comunicação, não há Conselho.
Sem diálogo, não há futuro.*

NAI BAIYA Magazine

Encerramos esta primeira edição conscientes de que não publicamos apenas palavras, mas afirmamos um posicionamento diante da história. Assumimos a responsabilidade de abrir um espaço legítimo de escuta, respeito e transmissão da sabedoria ancestral, honrando a medicina tradicional e a dignidade da Nação Huni Kuĩ. Este é o início de uma trajetória comprometida com a preservação da memória, com a construção de pontes entre saberes e com a continuidade viva da Universidade da Floresta. Que estas páginas marquem o começo de um movimento duradouro — onde respeito, tradição, responsabilidade e futuro caminham juntos. Haux.

ISABELLA VIEIRA
DIRETORA EDITORIAL

Equipe — Nawa Sia Amazônia Alliance



Plataforma Oficial de Comunicação

A *NAI BAIYA Magazine* não é apenas uma publicação editorial.

Ela é a plataforma oficial de comunicação do Conselho Nai Baiya para o mundo.
Por meio desta revista, tornamos públicos:

- Posicionamentos institucionais
- Diretrizes espirituais e culturais
- Protocolos de proteção
- Articulações internacionais
- Parcerias estratégicas
- Projetos estruturantes como a Universidade da Floresta

Aqui, a palavra é legítima e coletiva

Diálogo & Parcerias

A *NAI BAIYA Magazine* é também um espaço de articulação.

Instituições, fundações, universidades e organismos internacionais que desejem compreender, dialogar ou construir cooperações com a Nação Huni Kuĩ encontram nesta revista:

- Transparência institucional
- Estrutura organizacional clara
- Diretrizes oficiais
- Pontos de contato legítimos.

A revista funciona como canal permanente de comunicação diplomática e cultural.

Colaborar conosco é fortalecer uma comunicação ética, responsável e alinhada aos protocolos espirituais da Nação.

Colaboração Institucional

Áreas abertas à cooperação:

- Fortalecimento das Escolas Vivas
- Estruturação da Universidade da Floresta
- Proteção jurídica dos saberes tradicionais
- Programas de soberania alimentar
- Intercâmbios acadêmicos e culturais
- Pesquisa ética com consentimento coletivo
- Formação de jovens lideranças espirituais

Quer colaborar conosco?

Abrimos espaço para cooperação nas áreas de:

- Parcerias governamentais e institucionais
- Relações diplomáticas e culturais
- Cooperação acadêmica e científica
- Proteção jurídica dos saberes tradicionais
- Preservação cultural e ambiental
- Projetos estruturantes da Nação

Toda parceria é analisada e aprovada coletivamente pelo Conselho Nai Baiya.

CONTATO INSTITUCIONAL E DIPLOMÁTICO

Nawa Sia Amazônia Alliance
contact@nawasia.movie
www.nawasia.org
+33 (0) 6 84 27 87 53

Próxima edição — Junho de 2026
Seguimos em direção ao que deve permanecer.



HAUX HAUX - Gratidão

NAI BAIYA Magazine
